



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **DE ALIMENTO A COMMODITIE: REFLEXOS DA EXPANSÃO DO MILHO TRANSGÊNICO NO MÉDIO SERTÃO SERGIPANO**

Paulo Adriano Santos Silva  
Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil  
Endereço eletrônico: [adriano\\_ufs@yahoo.com.br](mailto:adriano_ufs@yahoo.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

O milho, também conhecido na língua Tupi como abati, auati e avati, é um cereal historicamente cultivado em diversas partes do mundo. De acordo com os estudos de Pollan (2006), Mazoyer e Roudart (2010) e Mary Poll (2007), os primeiros registros do cultivo do milho datam de há 7.300 anos, e foram encontrados em pequenas ilhas próximas ao litoral do México, no golfo do México e seu nome, de origem indígena caribenha, significa “sustento da vida”. Por ser um cereal extensamente versátil e conter substâncias altamente nutritivas, ao longo do tempo, o milho foi utilizado como base da alimentação humana e animal de várias civilizações.

No Brasil, o hábito de cultivar o milho antecede a chegada dos europeus no território nacional. Entretanto, com a chegada dos portugueses, o consumo de milho aumentou expressivamente e novos hábitos alimentares foram incorporados pela população, a partir da incrementação das especiarias nos alimentos derivados do milho. Como exemplo, Francelli et al., (2015) relata que a canjica, originalmente era uma pasta de milho puro, que depois recebeu o acréscimo de leite, açúcar e canela pelos portugueses, ganhando adaptações, como o mungunzá (nome africano para milho cozido com leite) e o curau, feito com milho mais grosso.

No cenário atual, sob o domínio dos transgênicos, o cultivo de milho tem crescido vertiginosamente, nas grandes, médias e pequenas propriedades rurais do país. De acordo com o Censo Agropecuário, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil produziu o equivalente a 90.822.485 milhões de toneladas de milho transgênico em 2017, se consolidando como terceiro maior produtor mundial deste grão. A região Nordeste foi responsável pela produção de 5.555.181 milhões de toneladas de milho, com destaque para os estados da Bahia, Maranhão, Piauí e, mais recentemente, Sergipe.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Com isso, o objetivo deste trabalho é analisar como o avanço do agronegócio do milho transgênico provocou alterações no modo de vida e na dinâmica produtiva da agricultura camponesa do Médio Sertão Sergipano. Para alcançar este objetivo, utilizamos o método empírico-analítico e adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: 1º) Levantamento bibliográfico; 2º) Pesquisa documental; 3º) Trabalho de campo; 4º) Sistematização dos dados e 5º) reflexão dos resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os relatos históricos, oriundos das memórias dos camponeses idosos, o milho era produzido nas roças, de forma consorciada com outros alimentos, a exemplo do feijão, mandioca, macaxeira, abóbora, melancia, melão, quiabo, tomate, pimentão, dentre outros gêneros alimentícios. Ao analisar a condição camponesa e a dinâmica da agricultura sergipana, Diniz (1996, p. 124), na década de 1990, já apontava que “a lavoura camponesa em Sergipe é feita, basicamente, num sistema consorciado, em que vários produtos são plantados juntos na mesma terra”.

Esses alimentos eram cultivados, de forma agroecológica, com base nos conhecimentos hereditários, transmitidos de pais para filhos. Os camponeses utilizavam utensílios manuais, como enxada, foice, machado; fertilizantes naturais, como esterco e urina de gado; e aravam a terra com o auxílio de instrumentos de tração animal. Durante este período, o cultivo apresentava pouca expressividade, destinando-se ao consumo familiar e comunitário, ou seja, tinha apenas valor de uso.

A agricultura camponesa tradicional, baseada em saberes, princípios e valores de usos dos recursos naturais, representava para além da importância do abastecimento interno para alimentação, a possibilidade de reprodução autônoma dessas famílias. Os camponeses plantavam milho com sementes de origem crioula e, durante a safra, selecionavam as melhores espigas e guardavam os melhores grãos para semear no ano seguinte.

Nesse contexto, Ribeiro e Lino (2014), demonstram a importância da preservação das raças, das mudas e, sobretudo, das sementes crioulas, para manutenção autônoma do campesinato, apontando que as sementes aparecem como forma de auxílio para os camponeses na sua sobrevivência, pois além de ser um alimento, representa muito



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

mais, pois retrata a cultura de cada comunidade, que é um elemento central no modo de vida do camponês.

O milho era plantado no dia 19 de março, em homenagem ao Padroeiro São José, e era colhido no dia 23 de junho, no dia de São João. Ainda verde, o milho era colhido em forma de mutirão e repartido entre familiares e vizinhos, para celebrar o dia festivo do mês junino. Durante esse dia, várias comidas eram confeccionadas, a exemplo da pamonha, canjica, mungunzá, pipoca, cuscuz, mingau, além de ser consumido assado e cozido. Este calendário se baseava nos princípios da natureza e das festas religiosas, selando as tradições do catolicismo popular com a cultura do povo sertanejo.

Além da celebração e da comensalidade no dia de São João, comumente os camponeses se reuniam no dia de colher, descascar, bater<sup>1</sup> e estocar o milho seco, para ser utilizado, durante o resto do ano, na alimentação da família, do gado e das aves. O mesmo processo acontecia durante colheita do feijão e da mandioca. Por meio dessas memórias, constatamos que existia uma dimensão histórica, cultural e simbólica, inerente a essas atividades rurícolas, que contribuíam para estreitar os laços de reciprocidade, e, por conseguinte, reforçar a identidade camponesa dessas famílias.

As particularidades tradicionais da agricultura camponesa foram paulatinamente substituídas, com a adesão do projeto de modernização agrícola, por máquinas de médio e grande porte, insumos químicos e sementes geneticamente modificadas. Essa modernização acarretou o aumento da dependência com os bancos, haja vista a necessidade constante de crédito e eliminou as decisões dos camponeses, que outrora produziam de forma autônoma. Essas mudanças também contribuíam para a desagregação dos hábitos alimentares das comunidades sertanejas, a exemplo do novo padrão alimentar instituído pela oferta de alimentos industrializados.

Menezes (2012), analisando as alterações dos hábitos alimentares das comunidades tradicionais do Sertão, atribuiu esse fenômeno à influência da globalização, do *marketing* e das alterações na base técnica da agricultura:

As sementes híbridas eliminam, paulatinamente, as sementes crioulas; os agroquímicos são utilizados de forma descontrolada; as máquinas avançam no campo e os cultivos nos moldes do *agrobusiness*. Ainda

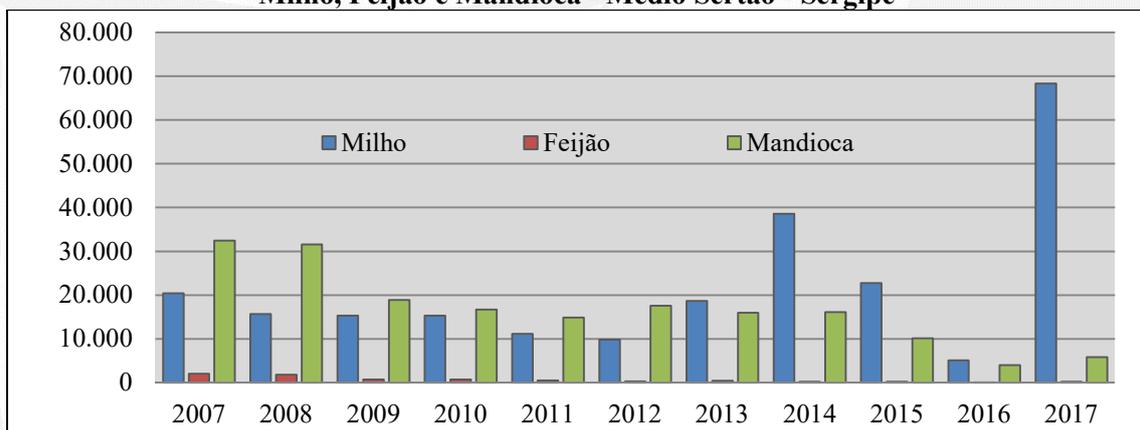
<sup>1</sup> Procedimento manual realizado pelos camponeses para debulhar o milho, separando o grão do sabugo, através de uma estrutura confeccionada com galhos de árvores, chamada de Giral.



percebemos no espaço familiar as alterações provocadas no padrão alimentar de grande parte das comunidades rurais. (MENEZES, 2012, p. 5).

Com o declínio dos cultivos tradicionais e o aumento da dependência dos alimentos industrializados, percebemos que na atualidade, com exceções muito limitadas, a maioria dos produtos, oriundos da produção camponesa, são destinados para o mercado de *commodities* (CARVALHO, 2013). Em determinadas regiões do Brasil, a produção para o autoconsumo foi bastante reduzida, o que representa o aumento na dependência dos produtos fornecidos pelos supermercados. Nesse contexto, constatamos que o avanço do milho transgênico provocou uma redução significativa em área plantada, dos cultivos de mandioca e feijão, no Médio Sertão sergipano. Vejamos os dados abaixo:

**Quantidade Produzida (2007-2017)  
Milho, Feijão e Mandioca - Médio Sertão - Sergipe**



Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal 2007-2017.

Elaboração: SILVA, Paulo Adriano Santos, 2019.

Conforme os dados acima, a área plantada de feijão reduziu de 2.000 para 340 e a de mandioca de 2.140 para 415 hectares, representando uma queda de 83% e 80,61%, respectivamente. Esses dados revelam uma nova dinâmica agrícola no território do Médio Sertão de Sergipe. O milho transgênico se expandiu em detrimento de culturas importantes para a alimentação e para a reprodução do modo de vida no campo. Tal processo é semelhante à análise realizada por Carvalho (2013), que afirma que essa imersão do mercado capitalista rompeu com valores e com comportamentos que configuravam o jeito de ser e de viver dos camponeses.

A substituição dos cultivos tradicionais por esta *commoditie* contribuiu para o enfraquecimento da autonomia produtiva, da soberania alimentar e o aumento da



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

dependência da alimentação imposta pelas indústrias fornecedoras de alimentos industrializados. A alteração da dinâmica produtiva da agricultura camponesa, que transformou o alimento em *commoditie*, reduziu às práticas tradicionais camponesas, como a pamonhada, farinhada, festas religiosas e mutirões, eliminou a heterogeneidade alimentar e paulatinamente reduziu os hábitos e costumes dessas comunidades rurais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de milho transgênico no Médio Sertão sergipano, alicerçada pelos pacotes tecnológicos, apresenta-se de modo dual na contemporaneidade. Se por um lado ocorreu a edificação desta *commoditie*, com o expressivo aumento dos índices de produtividade, por outro ocasionou, de forma negativa, a redução da produção de alimentos para autoconsumo e o aumento da precarização do trabalho camponês, mascarado pelo falacioso discurso ideológico, do agronegócio, de desenvolvimento econômico e modernização das atividades agrícolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agricultura Camponesa; Milho Transgênico; Commoditie.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Horácio Martins. O Oligopólio na produção de sementes e a tendência à padronização da dieta alimentar mundial. In: STÉDILE, João Pedro (org.) **A Questão Agrária no Brasil: o debate na década de 2000**. São Paulo, expressão Popular. 2013, pág. 39-56.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **A condição camponesa em Sergipe: desigualdades e persistência da produção familiar**. São Cristóvão: Editora UFS, 1996.

FRANCELLI, Antonio Luiz. ALVES, Lucilio Rogério. ALMEIDA, Rodrigo Estevam Munhoz. Com demanda ascendente no mundo, milho desponta como cereal do futuro. In: **Revista Visão Agrícola**. N.º 13 – Julho\Dezembro de 2015. P. 83-97.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Comida de Ontem, Comida de Hoje. O Que Mudou na Alimentação das Comunidades Tradicionais Sertanejas? In: **OLAM – Ciência & Tecnologia** (Rio Claro. Online), v. 13, p. 31-58, 2012.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

POLLAN, Michel. **O DILEMA DO ONIVORO**: Uma historia natural de quatro refeições. Tradução: Cláudio Figueredo, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

RIBEIRO, Marina Pires. LINO, Janãine Daniela Pimentel. As Sementes Crioulas e a Agricultura Camponesa na Comunidade Mata Preta em Catalão (GO). In: **VII Congresso Brasileiros de Geógrafos**, Vitória – ES, 2014.

#### **WEBGRAFIA**

<https://prodwebnlb.rma.usda.gov/apps/CIDT/> - Acessado em 04 de Fevereiro de 2019

<http://www.fao.org/home/en/> - Acessado em 15 de Fevereiro de 2019

<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas> - Acessado em 15 de Fevereiro de 2019

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6615#resultado> - Acessado em 15 de Fevereiro de 2019



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**